

Pier Della Vigna x Catão de Útica: dois suicidas da *Divina Comédia* dantesca

Maria Célia Martirani Bernardi Fantin¹

Resumo: Por meio da análise de dois casos da *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1998): o de Pier Della Vigna (canto XIII do Inferno) e o de Catão de Útica (designado a ser guardião do Purgatório, canto I), o presente estudo visa verificar de que maneira e a partir de quais preceitos filosófico-teológicos, esses dois personagens suicidas são representados por uma das obras-primas da literatura universal. No primeiro caso, segundo o dantólogo Vittorio Sermoni (2018), o poeta é coerente com os ensinamentos de São Tomás de Aquino, expoente máximo do período da filosofia Escolástica, em que os que se auto-aniquilam traem a Deus, pois Este, no momento da criação, concederia ao homem a graça de lhe confiar, em primeiríssima instância, a própria vida. Daí por que os suicidas sejam condenados à cisão corpo-alma, no círculo dos violentos da tortuosa selva infernal. No segundo, Erich Auerbach (1989), observa que Catão – embora suicida e pagão – tenha sido absolvido por Dante, sendo designado ao Purgatório, porque reuniria todas as características capazes de fazer dele uma extraordinária “figura” de Cristo, já que sua morte voluntária seria heroica, ao escolher o martírio para resgatar Roma da escravidão de César.

Palavras-chave: suicídio; *Divina Comédia*; Dante Alighieri; Pier Della Vigna; Catão de Útica.

O tema do suicídio é, em sua complexidade, um dos elementos de força dos eixos estruturais teológicos do *Inferno* da *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1998). O poeta trata do tema, mais especificamente no XIII canto, que apresenta o VII círculo infernal, lugar destinado aos *Violentos*, subdividido, por sua vez, em outros três círculos: o primeiro, dos violentos contra o próximo; o segundo, dos violentos contra si mesmos (suicidas e pródigos) e o terceiro, o dos que agiram contra Deus, a natureza e a arte (blasfemadores, sodomitas e usurários).

O dantólogo Vittorio Sermoni

(2018) observa que a escolha do poeta por designar o segundo “*girone*” (subcírculo) aos suicidas, em um espaço mais próximo a Satanás do que aquele destinado aos assassinos, revela muito sobre a maneira pela qual os que atentavam contra si mesmos eram julgados à época. Com efeito, estes, submetidos à uma pena mais atroz, eram condenados à luz dos conceitos da Teodiceia Escolástica, segundo a qual, aquele que se auto-aniquila trai o bom Deus, que no momento da criação, concede ao ser humano a graça suprema de lhe confiar, em primeiríssima instância, a própria vida.

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Contato: pis-piti@yahoo.com.

Dessa forma, Dante parece ser coerente, no que tange à matéria do suicídio, aos ensinamentos de São Tomás de Aquino, que é considerado, pelos historiadores da filosofia medieval, como o expoente máximo do período da filosofia Escolástica². Para este, o amor autêntico em direção ao próximo pressupõe, como condição essencial, o amor para consigo mesmo. Quem opta pelo suicídio, dessa forma, entra em perdição, pois não tem mais condições de dar amor, nem a si, nem aos outros.

Ao chegarem ao Inferno dantesco, as almas suicidas são jogadas, pelo juiz Minos, no VII círculo (no segundo subcírculo), como sementes, que acabarão por germinar, transformando-se em árvores tortuosas, que em conjunto, constituirão a floresta escura e horrenda desse cenário. Tal floresta é fantasmagórica e alucinante. As folhas desses arbustos não são verdes, mas foscas e retorcidas (metaforicamente, representam as confusas e tortuosas almas dos que, em desespero, se autodestroem). Destas não nascem frutos, mas pontas espinhosas e venenosas, que, ao serem tocadas, sangram. O suplício eterno dessas árvores (gênero híbrido homem-planta, sempre imóveis) é o de se destinarem a alimentar as terríveis e monstruosas harpias, que ali fazem ninho.

O ambiente acústico da selva é ainda mais inquietante: aos uivos das harpias³, unem-se os horríveis gritos provenientes das plantas (ALIGHIERI, 1998, p. 97-102).

Em interessante estudo, o dantó-

logo János Kelemen (2002, p. 125-126) observa o quanto a pena infligida aos suicidas – aprisionados em árvores, atormentados e destrocados pelas harpias – ilustra um dos aspectos da chamada “teoria do contrapasso” (ou do contraste) da estrutura da *Comédia* dantesca. Com efeito, quem tira a própria vida abusa da própria liberdade e se coloca no lugar de Deus, único ser capaz de dispor das vidas humanas (de acordo com os princípios da Escolástica). Por meio do recurso da antítese, na selva dos suicidas, essa alma perde totalmente a liberdade (restando para sempre aprisionada), refém de tudo e de todos.

Leo Spitzer (1965, p. 232 e 235) nota que a atmosfera moral-estilística desse canto é caracterizada pela tortura, pela cisão, pela divisão, em uma palavra, pela desarmonia, que é, por si só, antitética.

Embora boa parte dos estudiosos de Dante notem como relevante – tanto quanto Kelemen – a ênfase aos contrastes e antíteses presentes no XIII canto do Inferno⁴, outros tantos observam a importância da negação na composição de todo o trecho.

Para Georges Güntert (1997, p. 42), por exemplo, o hibridismo ali presente não se baseia numa mistura simplista de duas naturezas, mas é caracterizado por uma negatividade recíproca: os homens-planta devem existir sem fazer uso da palavra humana (que é substituída por uma dolorosa linguagem arbórea), sem a capacidade de movimento (própria a qualquer ser animado, exceto minerais e vegetais).

² Conforme o verbete do *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, a terminologia “Escolástica” significa originariamente “doutrina da escola” e designa os ensinamentos de filosofia e teologia ministrados nas escolas eclesiais e universidades na Europa durante o período medieval, sobretudo, entre os séculos IX a XVII. A escolástica caracteriza-se, em linhas gerais, principalmente pela tentativa de conciliar os dogmas da fé cristã e as verdades reveladas nas Sagradas Escrituras com as doutrinas filosóficas clássicas, destacando-se o platonismo e o aristotelismo (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 90).

³ Aqui fazem as vis Harpias seus ninhos / que expulsaram de Strófade os troianos / co'o cruel anúncio de tempos daninhos. Têm asas amplas e rostos humanos, garras nos pés e emplumados os ventres; lançam dos cimões lamentos arcanos (ALIGHIERI, 1998, p. 97).

⁴ Sobre as contraposições presentes nesse canto, Giorgio Petrocchi (1986, p. 231-242) nota a bipolaridade característica, fruto de um detalhado trabalho retórico-estilístico. Angelo Jacomuzzi (1972, p. 53-54) declara que a antítese é o princípio fundamental na estruturação do discurso e que, entre as figuras de retórica, é a que aparece com maior frequência no canto.

Estes não são nem mesmo dotados de uma das vantagens da vida vegetal, a de serem insensíveis à dor.

Seja como for, vale lembrar que Dante, ao chegar àquele círculo sombrio, é induzido por Virgílio a arrancar um ramo de uma das árvores, pretexto para consentir que o personagem Pier Della Vigna (1190-1249), o protótipo dos suicidas, narre a sua história. Este fora chanceler e jurista de Federico II da Suécia, muitíssimo considerado pelo imperador. Devido a intrigas e calúnias que o acusaram, injustamente, de traição (a de que estaria armando uma conspiração contra o monarca), acabou sendo preso. Na prisão, cegaram-no com ferro em brasa. Indignado, arreventou a própria cabeça, batendo-a violentamente contra a parede, o que o levou à morte.

Vittorio Sermonti (2018, p. 1) observa o quanto as seguintes estrofes, em que se permite que ele fale, conseguem traduzir o suicídio com magistral tortuosidade:

L'animo mio, per disdegnoso gusto,
credendo col morir fuggir disdegno,
ingiusto fece me contra me giusto.
(ALIGHIERI *apud* SERMONTI, 2018, p.1).

O meu desdém, lhe desprezando o custo,
Julgou co'a morte ser de injúria isento,
E contra mim, justo, me fez injusto.
(ALIGHIERI, 1998, p. 99).

Para o estudioso, todo o discurso de Pier ecoa o repertório de artifícios retóricos que revelam a singularidade desse canto. Por meio de extrema perícia elocutória, num exercício minucioso de mimese estilístico-alegórica, enuncia-se um

inextricável sofisma moral do suicídio: de um homicídio contra a própria vida, para o qual esse culpado (inocente) busca a legitimação. Entretanto, a inocência do chanceler, diante da visão teológico-escolástica adotada por Dante, não atenua, mas agrava a sua culpa perante Deus, pois matando-se, teria assassinado um inocente.

No final do canto XIII, Della Vigna expõe o destino que as almas suicidas deverão cumprir, quando recuperarem o próprio corpo, no dia do Juízo Final:

Pra nossos restos também voltarem
Porém vesti-los a nós se contesta,
Que injusto obter seria o que nos
[tolhemos.

Pra cá os arrastaremos, e na mesta
Selva serão nossos corpos suspensos,
Cada um no pé de sua alma molesta.
(ALIGHIERI, 1998, p. 100-101).

Elas continuarão apartadas de seus corpos, devendo pendurar os próprios cadáveres nos arbustos da selva escura. No Juízo Final, todas as almas (também chamadas sombras) recuperarão seus corpos, exceto a dos suicidas (já que eles voluntariamente os rejeitaram). Seus corpos ficarão pendurados nesse bosque, “cada um no pé de sua alma molesta”.

Ainda segundo Sermonti (2018, p. 2), nesse canto (em particular), Dante reitera que o eterno desprezo de Deus para com os suicidas faz com que sobrevivam para sempre, no bosque do sétimo círculo infernal, aquelas almas atônitas, cindidas eternamente de seus corpos inocentes. O eu assassino presen-

ciará, de modo perpétuo, o balançar a esmo do próprio eu assassinado.

Além do emblemático personagem Pier Della Vigna, que resume o trágico destino dos que atentam contra a própria vida na *Comédia* dantesca, há um outro que chama a atenção por sua dissonância. Trata-se de Catão de Útica, suicida pagão, que não é condenado ao Inferno.

Segundo apreendemos da leitura comentada de *La Commedia* de Dante Alighieri, organizada por Bianca Garavelli, com a supervisão de Maria Corti⁵ (2002), dedicada à análise do *Canto I* do *Purgatório*, Marco Porcio Catão, conhecido como o “Uticense”, nasceu em 95 a.C. Posicionou-se contra a tirania de Silla; combateu, junto a Cícero, Catilina; opôs-se inutilmente ao Primeiro Triunvirato Romano e escolheu ser partidário de Pompeu contra César, já que este ameaçava a República. Depois da derrota de Pompeu e do triunfo de César, Catão se suicida em Útica, em 46 a.C.

Importa notar que essa sua atitude não se verificou como possível escapatória à captura da parte de César, mas sim porque ele escolheu não ter que sobreviver à derrota de seu ideal republicano de liberdade, o que significaria se sujeitar à condição de escravo de um tirano.

Alguns autores da Antiguidade, como Plutarco e Sêneca, apresentam-nos Catão como sendo um homem honestíssimo, íntegro, rigoroso, enfim, a perfeita encarnação do estoico que combate politicamente, cujo lema de vida poderia ser assim resumido: “Só o homem honesto é livre, os maus são servos”.

No contexto geral da *Divina Comédia*, entretanto, surge como aparente contradição o fato de Dante ter designado a um pagão e suicida, como ele, a nobre função de guardião do Purgatório, e não o Inferno (como seria de se esperar, especificamente o sétimo círculo, para onde vão os violentos contra si mesmos, os suicidas).

No intuito de compreender tal escolha dantesca (vista por Bianca Garavelli e Maria Corti como “original e corajosa”), cabe analisar alguns aspectos históricos e contextuais muito relevantes que vêm à tona a partir dos dados biográficos do famoso republicano. Com efeito, Catão dedicou toda a vida ao engajamento político, não como um fim em si mesmo, mas para instaurar o reino do *kosmos*, que, para o mundo pagão, seria considerado sinônimo de *Providência*. Todas as suas lutas políticas se destinaram a combater a tirania, para salvaguardar as liberdades republicanas. Nesse sentido, muitas de suas escolhas – frequentemente difíceis e dolorosas – partiram de suas convicções filosóficas de estoico. O estoico acredita na imortalidade da alma e se dispõe a suportar todo tipo de sofrimento, físico e moral, para concretizar os próprios ideais. Se não consegue levar seus ideais a cabo, escolhe o suicídio.

Virgílio, na *Eneida* (2014, VIII 670), coloca-o nos baixos-relevos do escudo de Vulcão, como líder dos homens virtuosos, guardião dos Campos Elísios: “Secretosque pios, his dantem iura Catonem”, “Catão é o legislador dos homens virtuosos”

⁵ ALIGHIERI, D. *Dante Alighieri: La commedia. Purgatorio*, a cura di GARAVELLI, Bianca e supervisione di CORTI, Maria. Milano: Bompiani, 2002.

(tradução nossa).

Cícero, em *De officiis (Dos deveres)* (1999, I 31) fala de Catão como sendo um homem extraordinário e percebe em seu suicídio um exemplo de extrema coerência com as próprias convicções: “Catão, sendo dotado, por natureza, de extraordinário rigor moral, que alimentou com firmeza, jamais se afastando de seus propósitos e decisões, preferiu morrer a ver o rosto do tirano”⁶.

Hollander (1986, p. 106) ainda acrescenta que:

Os dantólogos parecem não ter dado a devida atenção ao fato de que o Uticense é, sobretudo, o protagonista de uma epopeia marcial: o “*De bello civile*” de Lucano. Em meu entendimento, para Dante é muito significativo e motivo de enaltecimento que Catão, derrotado em sua última batalha, tenha se suicidado por razões de princípio (a liberdade e o ideal republicano), enquanto seu vencedor, Júlio Cesar, mesmo sendo o fundador do Império, venha a ser desvalorizado, seja aos olhos de Lucano que aos de Dante, pela inferioridade intrínseca de suas ambições (tradução nossa).

É ainda na *Farsália* (2001, II 380-383), de Lucano, que Catão é representado como um verdadeiro mártir da República, sustentado por seu estoicismo que, afinal, pode ser equiparado muito mais à fé semelhante à cristã monoteísta do que à pagã: “estes os costumes, esta a conduta irrepreensível do rigoroso Catão: respeitar a justa medida, não ultrapassar os limites, seguir a natureza, consagrar a vida

à pátria e considerar relevante o fato de não ter nascido para si, mas para todos os homens”⁷.

Nesse sentido, há fortes indícios de que seu suicídio tenha sido considerado por Dante como um exemplo de força moral, de desprezo à morte, o que vem justificado até mesmo nas páginas de Santo Agostinho (*De civitate Dei*, I 17, 20 e 26): “por inspiração divina, que o suicídio se concretize, para dar exemplo de força, para conotar o desprezo à morte”⁸, e também nas *Summa theologiae*, art. 6, suppl. 96, de São Tomás de Aquino.

O grande dantólogo alemão Erich Auerbach (1989, p. 212-215) considera que Catão foi escolhido por Dante justamente porque reuniria todas as características capazes de fazer dele uma extraordinária “figura” de Cristo, já que escolhe o martírio para resgatar Roma da escravidão de César, assim como Cristo se sacrificou para salvar a humanidade da escravidão do pecado. A interpretação de Auerbach é confirmada pelo próprio Dante, em uma passagem do *Convívio* (IV, XXVIII 15-19): “quale uomo terreno più degno fu di significare Iddio, che Catone?”, “E qual homem terreno foi mais digno de significar Deus do que Catão? Nenhum, certamente”⁹ (tradução de Emanuel Brito).

Diante do exposto, faz-se necessário perceber que o conceito de liberdade que balizou a escolha do republicano Catão não pode ser entendido senão à luz de suas convicções políticas. E aqui é importante notar que Dante privilegiou, num

⁶ “Catoni cum incredibilem tribuisset natura gravitatem, eamque ipse perpetua constantia reboravisset semperque in propósito susceptoque consilio permansisset, moriendum potius quam tyranni vultus aspiciendum fuit” (tradução nossa).

⁷ “Hi mores, haec duri inmota Catoni/secta fuit: servare modum finemque tenere/naturamque et sequi patiaeque impendere vitam/Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo” (tradução nossa).

⁸ “divino instinctu fiat ad exemplum fortitudinis ostendendum, ut mors contemnatur” (tradução nossa).

⁹ No que se refere ao *Convívio* de Dante Alighieri, gostaríamos de remeter à brilhante tradução de Emanuel Brito: *O nobre poeta por si mesmo*, disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/.../2015_EmanuelFrancaDeBrito_VCorr.pdf.

primeiro momento, muito mais essa noção de liberdade relativa, já que em relação a uma causa, ao ideal político que inspirou o famoso personagem, do que um conceito amplo de liberdade, que remeteria, explicitamente, à noção de livre-arbítrio, em que a ideia de escolha é implícita. A genialidade do poeta, nesse caso, estaria no fato de que, partindo do dado histórico concreto – isto é, do caráter exemplar do suicida pagão, que escolhe morrer em nome da causa republicana – ele consegue transmutar a base conceitual de uma liberdade eminentemente política (pagã e estoica), para atingir o conceito de livre-arbítrio cristão (em cuja base residiria a capacidade de escolha do ser humano, por meio de sua consciência, que pode, ou não, libertá-lo do pecado).

Não se trata, pois, tão somente de valorizar o suicídio exemplar, conforme muitos casos elencados, ao longo do tempo, pela história da humanidade, mas sim de atenuar os paradigmas conceituais do que vem a ser “liberdade”, já que o caso de Catão parece ter interessado ao poeta, justamente pela possibilidade que oferece de transferir o conceito do âmbito estritamente político – o da *polis* e dos interesses do indivíduo, cujas escolhas eram pautadas prioritariamente pelo modo como este se inseria naquela – para o do contexto do livre-arbítrio cristão, subjacente à estrutura geral da *Comédia*, em que a viagem empreendida pelo homem, tem como escopo libertá-lo do pecado, atingindo, assim a suprema liberdade (só possível após a purgação de todos os pe-

cados).

Com efeito, de acordo com o Cristianismo, o livre-arbítrio possibilita que o ser humano aja por meio de suas escolhas. A própria consciência administra aquilo que é certo e errado e torna possível a ação de escolher entre ambos. Tal aceção é confirmada nas palavras de Vauchez (1995, p. 177): “A criatura que aspira a se unir a seu Criador só chegará a isso por uma prática intensa das virtudes”. Ainda, segundo Cappelari (2007, p. 18): “O que torna o homem um malfeitor é a sua capacidade de escolher e saber o que faz, a sua consciência. [...] Assim, o animal não é capaz de fazer o mal. Apenas o homem o é”.

Interessante notar o quanto tal ideia da liberdade de escolha, como possibilidade inerente à condição humana, nutriu muito das reflexões filosóficas sobre esse complexo e abrangente tema.

Em seu *Dicionário de Filosofia* (2003, p. 606), Nicola Abbagnano ensina:

Esse termo tem três significados fundamentais, correspondentes a três concepções que se sobrepuseram ao longo de sua história e que podem ser caracterizadas da seguinte maneira: 1ª Liberdade como autodeterminação ou auto causalidade, segundo a qual a Liberdade é ausência de condições e de limites; 2ª Liberdade como necessidade, que se baseia no mesmo conceito da precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); 3ª Liberdade como possibilidade ou escolha, segundo a

qual a Liberdade é limitada e condicionada, isto é, “finita”.

Para a primeira concepção, de Liberdade absoluta, incondicional e, portanto, sem limitações nem graus, é livre aquilo que é “causa de si mesmo”. Sua primeira expressão encontra-se em Aristóteles. Embora a análise aristotélica do voluntarismo das ações parece recorrer ao conceito da Liberdade finita, a definição de voluntário é a mesma de Liberdade infinita: voluntário é aquilo que é “princípio de si mesmo”. Aristóteles começa afirmando que a virtude e o vício dependem de nós; e prossegue: “Nas coisas em que a ação depende de nós a não-ação também depende; e nas coisas em que podemos dizer não também podemos dizer sim. De tal forma que, se realizar uma boa ação depende de nós, também dependerá de nós não realizar má ação [...] Essa noção de “princípio de si mesmo” é a definição da lei incondicionada, encontrada, por exemplo em Cícero. A noção de Liberdade como auto causalidade ou autodeterminação também é o fundamento da Liberdade como necessidade. Os estoicos admitiam que eram livres as ações que têm em si mesmas causa ou princípio: “Só o sábio é livre, e todos os malvados são escravos, pois Liberdade é autodeterminação, enquanto escravidão é falta da autodeterminação” (Dióg, L.VII, 121).

Este conceito foi transmitido durante toda a Idade Média. Orígenes foi o primeiro a defendê-lo no mundo cristão, esclarecendo-o no sentido de que a Liberdade consiste não só em ter em si a causa dos próprios movimentos, mas também em ser essa causa. Considerações análogas ocorrem em *De libero arbitrio* de S. Agostinho (cf, p.ex., I, 12, III, 3; III, 25). Em outro trecho, ele diz: “Sente que a alma se movimenta por si só quem sente em si a vontade”. Alber-

to Magno dizia que era livre o homem que é causa de si e que não é coagido pelo poder dos outros (S.Th., II, 16, 1). E, para São Tomás, “o livre-arbitrio é a causa do movimento, porque pelo livre-arbitrio o homem destina-se a agir”.

Fernando Savater (1992), filósofo espanhol contemporâneo, por exemplo, em um estudo sobre ética, desenvolve interessante reflexão sobre o conceito de “livre-arbitrio”. Para tanto, parte do pressuposto de que, se por um lado, a natureza se pauta por uma série de determinações pré-estabelecidas, que são irrefutáveis e imutáveis, no mundo dos homens, isso é totalmente diverso, porque somos responsáveis por nossas escolhas. Afirma ele que um castor, por exemplo, não costuma construir colmeias, assim como abelhas não costumam construir diques. Analogamente, algumas formigas africanas, conhecidas como térmitas, por possuírem uma couraça muito frágil, constroem verdadeiras fortalezas para se protegerem. Mas, mesmo assim, quando do ataque de outras predadoras mais fortes, algumas eleitas serão as que deverão, obrigatoriamente, tentar distrair as inimigas, a fim de que as outras ganhem tempo para refazer o formigueiro. Inevitavelmente, em decorrência desse ato heroico, acabarão ficando do lado de fora e morrerão.

Segundo Savater, essas formigas “soldados” não têm escolha. Cabe-lhes o papel de heroínas “suicidas” e isso já está determinado.

Em contrapartida, comparando esse ato supostamente heroico das

formigas ao ato heroico de Heitor, que defendeu Tróia do temível guerreiro Aquiles, o filósofo sustenta que, nesse caso, sim, é possível falar em verdadeiro heroísmo da parte de Heitor, pois sua nobre decisão envolveu uma escolha.

Melhor dizendo, ao passo que as formigas não têm escolha, Heitor poderia ter escolhido como outra opção a de não oferecer sua coragem, na defesa de seus concidadãos. Poderia, inclusive, para se salvar, ter escolhido o desdém dos que passariam a vê-lo como covarde, caso não lutasse.

Importa notar o quanto a atitude exemplar do nobre grego Heitor – ainda que mantidas as diferenças respectivas a cada um dos contextos históricos e de época – se aproxima à do republicano uticense Catão.

No que concerne ao Canto I do *Purgatório* (especialmente os versos 70-75) da *Divina Comédia*, cumpre verificar o que ensina Giuseppe Gicalone (1968) sobre o conceito de liberdade em questão: “libertà va cercando, ch’è si cara, come a chi per lei vita rifiuta”¹⁰. Para ele, trata-se da liberdade moral da alma, isto é, a libertação do pecado, das tentações humanas, o exercício do livre-arbítrio, que compreende também a liberdade política pela qual Catão se matou em vida. Na opinião do eminente comentador da obra dantesca, no suicídio de Catão, Dante não viu um pecado de violência, mas o exercício de uma virtude, o exemplo de um sacrifício supremo, que despertaria a humanidade para o amor pela liberdade. Por esse mesmo ideal, de modo aná-

logo, Dante também sacrificara a própria vida, enfrentando as amarguras e humilhações do exílio. Poder-se-ia interpretar, nesse trecho, a comovida eloquência de Virgílio, como sendo a expressão direta do ânimo e da dor do poeta (V. 1, p. 71-74).

Num entendimento que complementa o anterior, os dantólogos Emilio Pasquini e Antonio Quaglio (1982) compreendem que Dante está à procura da libertação do pecado, que é tão preciosa quanto aquela dos que, em nome da liberdade, abdicam da própria vida. Afirmam os estudiosos que, conforme se depreende da obra *Monarchia* (II, V, 15), Catão, “para despertar, entre os homens, o amor pela liberdade, demonstrou o quanto esta valia, preferindo morrer livre do que continuar vivo sem ela”¹¹ (*Purgatório*, 1.72, 1991-1997).

Assim, a liberdade política do herói anti-César, nesse caso, funde-se com a liberdade ético-espiritual, como vitorioso domínio interior da razão sobre o sentido e sobre a escravidão do pecado, em harmonia com o ideal de justa constituição do mundo civil.

Mas é por meio do comentário de Nicola Fosca (2003-2006) à *Comédia* que conseguimos melhores esclarecimentos ao que já se anunciara previamente. Conforme nos ensina o estudioso, Virgílio declara que a alma que ele guia está em busca da liberdade, pela qual Catão não hesitou sacrificar a própria vida (portanto, “cara” não apenas no sentido de “amada”, mas também

¹⁰ Este é o verso 71 do I Canto do *Purgatório* dantesco. São as palavras que Virgílio dirige a Catão, quando lhe apresenta Dante. A primeira parte: “Libertà va cercando” (“Procura a liberdade”) refere-se a Dante (que procura se libertar do pecado) e a segunda parte: “ch’è si cara, come a chi per lei vita rifiuta” (“que é tão cara, como a quem, em nome dela, sacrifica a própria vida”) refere-se ao próprio Catão de Útica (tradução nossa).

¹¹ “ut mundo libertatis amores accenderet, quanti libertas esset ostendit dum e vita liber decedere maluit quam sine libertate manere in illa” (tradução nossa).

de “custosa”). Tal liberdade é a prefiguração da liberdade espiritual que é o objetivo do peregrino cristão: a verdadeira liberdade é “la compiuta liberation del peccato, perché, come dice l’Apostolo: Qui facit peccatum, servus est peccati (Io. 8.34, Daniel)”, “a completa libertação do pecado, porque, como diz o Apóstolo: Quem comete o pecado, torna-se seu escravo” (Purgatório 1, p.70-75, tradução nossa).

Erich Auerbach (1989, p. 219, 220) verifica no personagem de Catão um válido exemplo da interpretação “figural”. A história de Catão, tal como concebida por Dante, na *Comédia*, aparece isolada de seu contexto histórico terreno e se transforma em “figura do futuro”:

Catão é uma figura, ou ainda o era o Catão terreno, que em Útica renunciou à vida pela liberdade e o Catão que aqui aparece no Purgatório é a figura desvelada ou concretizada, a verdade daquele acontecimento figural. Com efeito, a liberdade política e terrena pela qual morreu seria apenas uma pré-figuração daquela mesma liberdade cristã que, no presente episódio, ele é convocado a salvaguardar e em favor da qual – até na entrada do Purgatório – ele tem que resistir a toda tentação terrena; daquela libertação cristã de todo impulso negativo, que se revela no autêntico domínio de si mesmo. Para conquistá-la, o primeiro passo que Dante precisa cumprir é o de ser cingido pelo junco da humildade [...] A *persona* de Catão, como homem severo, justo e pio, que, em um momento significativo do seu destino e da história providencial do mundo, antepôs a liberdade à vida, nessa passagem da *Comédia*, é conservada em

em toda sua força histórica e pessoal: ele não se transforma em uma alegoria da liberdade, mas continua sendo Catão de Útica, o homem que Dante via em sua personalidade individual; mas essa sua provisoriedade terrena, calcada na ideia da liberdade política como bem supremo, virá a ser preenchida definitivamente, no lugar em que aquilo que conta não são mais as obras terrenas da virtude civil, mas o “bem do intelecto”, o bem supremo, a liberdade da alma imortal, a visão de Deus.

O Purgatório, assim, é o lugar em que a alma, gradualmente, se purifica e conquista as virtudes de maneira perfeita, até obter a liberdade (ou justiça). Aquele que morreu em Útica foi destinado ao triunfo: no dia do Juízo Universal (*il gran dì: la gran sentenza*, “o grande dia: a grande sentença”, Inf. VI. 104), quando não houverem mais almas purgantes, o seu corpo (*vesta*) ressurgerà resplandecente para ascender ao Paraíso (cfr. Par. XIV, 43 ss.). A alusão à glória celeste nos faz pensar que a liberdade como autocontrole racional, aquela que se consegue alcançar no Purgatório e que Dante só atinge por meio da sanção de Virgílio (Purg. XXVII), não constitui a última etapa da viagem, nem a realização completa do homem: a liberdade perfeita só será alcançada quando se puder ver Deus e coincide com a beatitude celeste. Conforme bem percebe E. Moore (1899, p. 221n), a ênfase dada à glória com que resplandecerá o corpo de Catão após o Juízo Final denota um forte contraste intencional em relação ao destino que

cabera aos suicidas.

Diante de tais observações, gostaríamos de refletir sobre o que percebemos como um traço de atenuação dos limites entre os conceitos de liberdade aqui analisados, nesse trecho da *Comédia*. Com efeito, se o caráter teológico cristão dá o tom geral da obra, fundamentado no conceito de livre-arbítrio que, como lei geral, condenaria a atitude de violência contra a própria vida cometida por Catão, alinhando-o junto aos pecadores suicidas que, por terem infringido tal preceito, acabaram sendo colocados no sétimo círculo do Inferno, por que isso não seria, também “lei” a ser aplicada ao famoso uticense?

O que nos parece genial na opção de Dante, ao absolver Catão é que, embora imbuído dos preceitos da doutrina cristã, ele não enfatiza o caráter geral da norma, mas sim a sua excepcionalidade. Em outras palavras, ao colocar o Mártir da República como guardião do Purgatório – e de acordo, especialmente, com os ensinamentos de Nicola Fosca –, Dante funde o conceito mais estrito de liberdade política (a do indivíduo que morre pela causa republicana) com o mais amplo, de cunho ético-espiritual, qual seja o de livre-arbítrio, tal como concebido pelo cristianismo. Na base residual de aproximação dessas duas categorias (aparentemente distantes), haveria a recusa à servidão por parte do líder republicano à tirania de César e, no caso do cristão que empreende sua viagem, nos reinos de além-túmulo, a recusa à servidão ao pecado. Catão, enquanto fi-

gura histórica, representa a altivez do herói que não quer ser escravo da tirania de César e então, não como alegoria, mas como pré-figura, será “preenchida” – nos termos propostos por Auerbach, nessa passagem do Purgatório, por aquele que passa a ser o representante do que é plenamente habilitado a guardar a liberdade dos que precisam se purgar para seguir na busca da libertação da escravidão do pecado. A libertação da tirania na vida terrena se transmuta na busca pela libertação do pecado, na “outra vida”.

Desse modo, a liberdade política de Catão, cujo estoicismo pode muito bem ser equiparado a um ato de fé, análogo ao da fé cristã, se alarga em direção ao conceito teológico de livre-arbítrio, não pelo que teria de contraditório à lei geral (a da condenação aos pagãos e suicidas), mas pelo que apresenta de excepcional (o da atitude heroica de escolher abdicar da própria vida, em favor de uma causa política). Daí, pois, ser possível afirmar que a “liberdade que Dante está procurando” e que é a mesma, tão custosa pela qual Catão se sacrificara em vida é, em síntese, a possibilidade do exercício da escolha, na direção da libertação do pecado.

O episódio se distingue pelo caráter figural – sempre nos termos de Auerbach – conferido ao Mártir da República e pela excepcionalidade da atitude exemplar e heroica, que sobrepujam o ato de violência contra a própria vida.

Dessa forma, atenuam-se os conceitos categóricos de “liberdade” e

“livre-arbítrio” numa perspectiva em que o que temos é a fusão e não a exclusão dos elementos que, se fundados em suas dimensões estanques, seriam contraditórios e inconciliáveis. Melhor dizendo, a liberdade política do estoico Catão justificaria seu suicídio (morrer pela causa republicana), mas este não poderia encontrar guarida na concepção teológico-cristã de livre-arbítrio, pela qual atentar contra a própria vida é atitude pecaminosa e condenável.

O que Dante percebe, no entanto, é exatamente o traço de excepcionalidade que faz desse personagem histórico uma figura singular que, portanto, não pode ser julgada sob a ótica da lei geral. Quem combate contra a escravidão em vida, combate contra a escravidão do pecado na “outra vida” e está habilitado a auxiliar os que empreendem a longa viagem de purificação.

Concluindo, gostaríamos de verificar o quanto os dois casos que,

neste estudo, nos propusemos a analisar, de certa forma, enfocam o tema do suicídio e suas representações literárias no âmbito da *Divina Comédia*. O primeiro, ao tratar do círculo infernal a que é condenado Pier Della Vigna, enfatiza o posicionamento do poeta, coerente com os princípios teológico-escolásticos vigentes à época, extremamente peremptórios na condenação dos que se autoaniquilam. O segundo, também coerente com a tradição clássica, absolve Catão de Útica, uma vez que este teria sido retratado por tantos outros autores – em que se inspira Dante – como herói, dando cabo da própria vida por um ideal político. Em ambos, a arte literária se incumbe de propiciar a reflexão sobre um dos assuntos mais polêmicos de todos os tempos, qual seja o da morte voluntária, instigando o leitor a sair de sua passividade e entrar também – como coadjuvante – nesse fascinante cenário.

Pier Della Vigna x Cato of Utica: two suicides from Dante's *Divine Comedy*

Abstract: Through the analysis of two cases of Dante Alighieri's *Divine Comedy* (1998): that of Pier Della Vigna (Canto XIII of Hell) and that of Cato of Utica (designated to be guardian of Purgatory, Canto I), this study aims to verify in which way and from which philosophical-theological precepts, the two suicidal characters are represented by one of the masterpieces of universal literature. In the first case, according to Vittorio Sermonetti (2018), the poet agrees with the teachings of St. Thomas Aquinas, the greatest exponent of the period of Scholastic philosophy, in which those who commit suicide betray God, who have granted man the grace to entrust him, in very first instance, his own life. That is why suicides are condemned to soul-body split, in the circle of the violent in the tortuous infernal jungle. In the second, Erich Auerbach (1989) observes that Cato – although suicidal and pagan – was acquitted by Dante, being assigned to Purgatory, because it would bring together all the characteristics capable of making him an extraordinary "figure" of Christ, since his death voluntary would be heroic, in choosing martyrdom to rescue Rome from the bondage of Caesar.

Keywords: suicide; *Divine Comedy*; Dante Alighieri; Pier Della Vigna; Cato of Utica.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. 3 volumes. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. *Dante Alighieri: La commedia. Purgatorio*, a cura di GARAVELLI, Bianca e supervisione di CORTI, Maria. Milano: Bompiani, 2002.
- AQUINO, T. *Suma Teológica*. V. 6. Trad. Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo, Loyola, 2005.
- AUERBACH, E. *Studi su Dante*. Milano, Feltrinelli, 1989.
- CAPPELLARI, M. S. V. *As representações visuais do mal na comunicação: imaginário moderno e pós-moderno em imagens da Divina Comédia e do filme Constantine*. 353f. (tese de doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- CÍCERO, M. T. *Dos deveres*. Trad. Gustavo Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOSCA, N. Disponível em: <<http://dante.datrmouth.edu/search.php>>, Purgatório 1.70-75 (2003-2006).
- GIACALONE, G. Disponível em: <<http://dante.datrmouth.edu/search.php>>, Purgatório 1.71-74, 1968.
- GÜNTERT, G. Mito e poesia. In: *Atti del secondo seminario dantesco Internazionale*. Firenze: Franco Cesati Editore, 1997.
- KELEMEN, J. Moralità linguistica: il contrappasso lingusitico. In: *Dante filosofo. Spedizioni estetiche e linguistiche*. Budapeste: Atlantisz, 2002.
- LUCANO, M. A. *Farsália*. Cantos de I a V. Trad. Brunno V. G. Vieira. Campinas: Ed. UNICAMP, 2011.
- MOORE, E. *Studies in Dante*. Oxford: Clarendon, II, 1899.
- PASQUINI, E.; QUAGLIO, A. Disponível em: <<http://dante.datrmouth.edu/search.php>>, Purgatório, 1.72, 1991-1997.
- SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. V. 1 (Livro I a VIII). Trad. J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- SAVATER, F. *Ética per un figlio*. Bari: Laterza, 1992.
- SERMONTI, V. *Il suicidio secondo Dante*. Disponível em: <<https://www.avvenire.it> – giovedì 8 marzo 2018> Acesso: 08 set 2018.
- SPITZER, L. Il canto XIII dell'Inferno. In: *Lecture dantesche: Inferno (Vol. I)*, a cura di G. Getto. Firenze: Sansoni, 1965.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental; séc. VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIRGILIO, P. V. M. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Organização de João Angelo Oliva Neto. Edição bilingue. São Paulo: Editora 34, 2014.

Recebido em: 01/11/2018

Aprovado em: 17/03/2019